

Pedro Martinelli/10-95



CRIANÇAS DA TRIBO krain-a-kore embarcam para a reserva conseguida às margens do Rio Iriri, depois de anos de peregrinação causada pelos brancos

A saga dos índios gigantes: mergulho no passado

Primeira página sobre o movimento contra a violência no Rio já havia recebido prêmio internacional nos Estados Unidos

• Com a reportagem "A saga dos índios gigantes", de Ascânio Seleme e do fotógrafo Pedro Martinelli, O GLOBO ganhou o Prêmio Esso de Informação Científica, Tecnológica e Ecológica. A série de reportagens foi publicada de 7 a 9 de janeiro e lembra a história dos índios krain-a-kore, que começou a ser contada em 9 de fevereiro de 1973, quando os sertanistas Orlando e Cláudio Villas Boas, depois de 430 dias de busca, fizeram o primeiro contato com os chamados índios gigantes de Mato Grosso.

Pacificados pelos irmãos Villas Boas, os krain-a-kore estavam no meio do caminho de uma das estradas que o Governo resolveria cortar para integrar a Amazônia ao resto do país: a Cuiabá-Santarém. Martinelli acompanhou o trabalho, em companhia do repórter Etevaldo Dias. O GLOBO foi o primeiro jornal a noticiar o contato. A reportagem foi publicada em 11 de fevereiro de 1973 e,

por coincidência, na mesma edição era noticiada a morte de um indigenista famoso: o médico Noel Nutels.

A expedição dos irmãos Villas Boas partiu da Serra do Cachimbo em direção ao Rio Peixoto de Azevedo. Os índios eram realmente altos, acima da média dos demais do Xingu, mas não chegavam a ser gigantes. A lenda surgiu depois que um bebê foi capturado pelos rivais txucarramãe. Mengrirê hoje tem 2,07m, mas é tão excepcional como qualquer branco dessa altura. Na verdade, os krain-a-kore eram amáveis e brincalhões.

Martinelli resolveu reencontrar o passado 23 anos depois. Largou o emprego de diretor do Estúdio Abril, em São Paulo, e dirigiu três mil quilômetros numa caminhonete Toyota. Mas o passado estava irremediavelmente perdido. O imponente índio Sôkrid, que o fotógrafo vira pintado de preto e com arco e flecha na

mão, era agora um avô de olhos cansados. E, pior, vestia calção Adidas e camiseta com inscrições em inglês e calçava sandálias havaianas.

A mata da região virara um enorme pasto. Os rios foram tomados pelos garimpeiros, com suas máquinas barulhentas e a poluição das águas por mercúrio. Também tiveram as encostas desmatadas e o leito assoreado. A caça sumira, espantada pelas vilas construídas pelos brancos.

O que restou da tribo sobrevive numa reserva às margens do Rio Iriri. Não se sabe quantos compunham a nação inicialmente. Hoje são 160.

— O passado não tem retorno. Eles eram puros, mas não permaneceriam assim o resto da vida. Uma pena — lamenta Orlando Villas Boas.

Outro Prêmio Esso recebido pelo GLOBO foi o de Criação Gráfica para JORNAL, com uma primeira página branca com a palavra

PAZ impressa no centro. A página foi publicada em 28 de novembro de 1995, dia da passeata Reage Rio, contra a onda de violência que a cidade enfrentava.

Criada pelo então editor-chefe-adjunto, Mário Marona, e pelo diagramador-chefe, Cláudio Prudente, a página trazia ainda uma charge de Chico Caruso com os três principais personagens da passeata — o pastor Caio Fábio e os sociólogos Herbert de Souza, o Betinho, e Rubem César Fernandes — formando com suas camisas a palavra Rio.

No pé da página, em contraponto ao pedido de paz, e reafirmando a necessidade dela, mais uma notícia de violência: o assassinato de um executivo por sequestradores.

A caminhada, com todos os participantes de branco, tomou a Avenida Rio Branco, no Centro, apesar da chuva. O branco da página, além de graficamente destacar o apelo de paz, sublinhado

pelo convite para a passeata, era a cor-símbolo do movimento. A caminhada silenciosa reuniu representantes de todos os segmentos da sociedade.

No segundo semestre de 1995, o Rio sofria uma onda de seqüestros sem precedentes. Em um só dia, 25 de outubro, três jovens haviam sido levados por bandidos: os estudantes Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira Filho, filho do presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan); Carolina Dias e Marcos Chiesa. Também estavam em cativeiro a estudante Louise Portela e o aposentado José Zeno, que acabaram libertados juntamente com os outros três.

Em fevereiro, a página do GLOBO já tinha conquistado um dos mais prestigiados prêmios da imprensa mundial: The Best of Newspaper Design (o melhor do design de jornais), entregue pela 17ª vez pela Society of Newspaper Design (SND), de Reston, Vir-

gínia, nos Estados Unidos. Participaram da competição 9.615 jornais de Estados Unidos, Canadá, América Latina, Europa e Ásia.

Única premiada na categoria "Primeira página", em que havia mais de 1.200 concorrentes, a página do GLOBO recebeu o Silver Award (medalha de prata). Os outros 13 jornais finalistas receberam o Award of Excellence (destaque de qualidade), que O GLOBO também já conquistara.

— Ao contrário de outros concursos, que se limitam a destacar apenas reportagens, artigos ou fotografias, The Best of Newspaper Design é o único prêmio, no mundo inteiro, que sublinha a harmonia entre forma e conteúdo em jornais — explicou Ray Chatman, diretor-executivo da SND.

A página foi escolhida por 16 jurados, reunidos de 15 a 19 de fevereiro na Newhouse School of Public Communications da Universidade de Syracuse, co-patrocinadora do concurso. ■